



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Caryocar brasiliense

Catei muitos frutos do *Caryocar brasiliense* durante as errâncias de menino pelo Cerrado. Eu pegava para outros degustarem, pois, àquela época, tinha muito medo dos espinhos. No entanto, recentemente, aprendi a degustar o pequi com cuidado. Gostava de sentir o cheiro intenso, perceptível pelo radar do olfato de longe.

O arroz com pequi foi eleito a segunda pior comida do Brasil, segundo uma pesquisa feita, recentemente, por um site dos Estados Unidos. A comida — que é muito apreciada pelos goianos e pelos mineiros — e várias outras

pratos de todo o Brasil foram avaliados por 5.139 mil leitores do site TasteAtlas. Por aqui, todos os jornais e programas televisivos replicaram a notícia. Mas, como diria o mestre Antonio Houaiss, permitam-me discrepar.

Não considero que os norte-americanos sejam os juízes mais abalizados para apreciar as qualidades culinárias de qualquer prato. Eles consomem alguns dos piores alimentos do mundo, não porque lhes falte dinheiro, mas por desinformação, propaganda enganosa e maus hábitos. Aqueles sanduíches fast foods processados são uma fábrica de obesos e de candidatos ao câncer e a outras doenças. Quando tinha 8 anos, meu filho era viciado em uma dessas lanchonetes de origem norte-americana famosa.

Eu tentava dissuadi-lo, sob o argumento de que aqueles sanduíches

processados faziam mal à saúde. Ele ignorava e argumentava que eram deliciosos. Mas, certo dia, comeu um sanduíche com salmonela, passou mal durante várias semanas e nunca mais consumiu aquele lanche. Não quero ditar regras para ninguém. No entanto, cada vez mais, considero o valor nutritivo de um alimento para escolher o que eu como.

Isso aconteceu com o pequi. Confesso que não apreciava muito o gosto do fruto do Cerrado. Mas, ao conhecer melhor o valor nutritivo, passei a gostar. O pequi é riquíssimo em vitaminas A, B e E. Melhora a visão, a pele, a imunidade e reduz o colesterol ruim. E contribui para combater os radicais livres, que favorecem o surgimento de doenças inflamatórias. Nada mais discutível do que o gosto. Porque, em larga medida, o nosso gosto é construído,

depende dos valores, dos costumes, da educação e da experiência.

Antigamente, bastava dar uns 20 passos no Cerrado para topor com uma árvore de pequi. Mas agora elas são raras. Preciso comprar nas feirinhas ou nas beiras de estrada. Os vendedores dizem que o pequi vem de Minas Gerais.

A flor do pequi é sensual na forma, no cheiro e na polinização. O órgão sexual masculino da flor se divide em centenas de estames, filamentos pontiagudos. Um único exemplar pode ter mais de 50 estames, explica a professora Sueli Maria Gomes, do Departamento de Botânica da Universidade de Brasília (UnB), em entrevista publicada no **Correio Braziliense**. É uma característica pouco comum nas espécies do planeta.

A polinização acontece à noite. Não é uma fertilização convencional, não

são os passarinhos ou as abelhas os responsáveis pela multiplicação das espécies. A flor do pequi escolheu um polinizador mais viril — o morcego. Os mamíferos voadores são atraídos pelo cheiro exalado pelas pétalas internas da flor, ensina Sueli Gomes: “Em cada noite, uma das três flores ficam abertas pela inflorescência quando são visitadas pelos morcegos, que fazem a polinização”.

O pequi está tombado por decreto. O nome científico é *Caryocar brasiliense*, vem do grego caryon (núcleo ou noz) e kara (cabeça), referência à forma arredondada do fruto. A flor erótica produz o fruto do pequi, rico em vitaminas A e E, além de minerais como o fósforo. O nome tem origem no tupy (py+casca) e qui (espinho). O pequi materializa a beleza, a um só tempo, áspera e delicada do Cerrado.

CIÊNCIA / Trabalhos apresentados por neurocientistas renomadas sobre inovações na recuperação de pacientes com lesões cerebrais tiveram destaque nas palestras do segundo dia do encontro de neuroreabilitação em Brasília

Brilho feminino em congresso

» CARLOS SILVA

Mulheres integrantes de um seleto grupo que é referência internacional em neurociência tiveram destaque, ontem, no segundo dia do 1º Congresso Latino-Americano da Federação Mundial para Neuroreabilitação (WFNR). Palestrantes como Barbara Wilson e Dana Boering levaram ao público participante do evento no Hospital Sarah Kubitschek, na Asa Sul, reflexões, práticas clínicas inovadoras e pesquisas de ponta para a recuperação de pacientes com lesões cerebrais.

A neuropsicóloga britânica Barbara Wilson falou sobre os tratamentos em pessoas com danos neurológicos severos. Com 45 anos de experiência, destacou a importância de abordagens personalizadas que considerem não apenas o quadro clínico, mas também o contexto emocional e social dos pacientes.

Em sua participação, a especialista abordou casos clínicos que chamaram a atenção de médicos e ressaltou que, na prática clínica, o olhar do psicólogo deve estar sempre aberto a todas as possibilidades, mesmo diante de quadros graves. “Seja alguém com um transtorno de consciência, seja uma pessoa que teve lesão cerebral há vinte anos, a gente deve ajustar os testes, os objetivos, mas jamais negar atendimento. Todos merecem ser vistos (em profundidade)”, afirmou.

Motivação

Por sua vez, a neurologista alemã Dana Boering, secretária-geral da Federação Europeia de Neuroreabilitação, tratou da motivação de pacientes para obter os melhores resultados em sua recuperação. Segundo ela, o envolvimento emocional e o ambiente físico têm papel decisivo na eficácia

Bruna Gaston CB/DA Press



Dana Boering: realidade virtual e música ajudam a motivar pacientes

do tratamento. Elementos como realidade virtual, gamificação de tarefas (transformar atividades cotidianas em jogos) e música foram apontados como ferramentas promissoras. “Estudos recentes mostram que pacientes com o mesmo nível de comprometimento, mas com maior motivação durante as atividades, alcançam melhores resultados ao final da reabilitação”, garantiu.

Dana, no entanto, ponderou que antes de agir para aumentar o interesse das pessoas que estão sendo atendidas, os profissionais devem identificar o que está por trás da desmotivação. Situações como condições de depressão, apatia, fadiga pós-AVC ou até mesmo infecções que reduzem a energia dos pacientes devem ser levadas em conta. Entre as inovações com aplicação

prática mais promissora, a alemã apontou o uso de realidade aumentada e jogos interativos. “É como uma brincadeira. O paciente interage com objetos no ambiente, dança ao redor de obstáculos, se diverte e se mantém atento. E o melhor: é de baixo custo, pode ser realizado em casa e supervisionado pela família ou por um médico”, disse.

Socialização

Para hoje, uma das palestras que prometem aprofundar ainda mais os debates é a da neuropsicóloga canadense Miriam Beauchamp. Ela, que é professora titular do Departamento de Psicologia da Universidade de Montreal, abordará em sua apresentação os desafios e inovações da saúde digital e da cognição social no contexto da reabilitação. Especialista

Bruna Gaston CB/DA Press



Bárbara: tratamento deve considerar contextos emocional e social

em concussão e traumatismo cranioencefálico em crianças, apresentará estudos que investigam os impactos dessas lesões no desenvolvimento cognitivo e social, e como o uso da tecnologia pode auxiliar na recuperação dos pacientes. “Nosso foco é aplicar essas ferramentas para melhorar funções sociais e cognitivas após a lesão”, explicou.

Miriam comentou que tem sido uma grande experiência ter contato com especialistas de diversas áreas, oriundos de várias partes do mundo, em discussões que pretendem aprimorar o estudo da neurociência. “Essa mistura de especialidades é essencial, pois muitas vezes o que está sendo feito em uma parte do mundo não é conhecido em outra. Esses encontros nos permitem aprender juntos e nos inspirar mutuamente”, declarou.

Aprendizado

Engana-se, no entanto, quem pensa que somente aqueles que são veteranos da área da neurociência exibirem seus trabalhos e teses. Três estudantes de medicina da Universidade de Brasília (UnB) apresentaram um projeto científico voltado ao diagnóstico precoce da esclerose múltipla. Thiago Oliveira, Luiz Carvalho e Renato Curcio fazem parte de um grupo de pesquisa que desenvolveu um estudo sobre potenciais evocados visuais — exame neurofisiológico que mede a atividade elétrica do cérebro em resposta a um estímulo específico. Isso serve como ferramenta de detecção da neurite óptica — inflamação dos nervos, que pode causar perda visual.

“O objetivo do nosso trabalho é avaliar o uso desse exame

Palestras de hoje

8h às 8h30

Estratégias de reabilitação de distúrbios neurológicos funcionais em adolescentes - Kristina Müller

8h30 às 9h

O que as vocalizações nos dizem sobre a aquisição da linguagem? - Marcela Peña

9h às 9h30

Saúde digital e cognição social: Desafios e inovações no ambiente de reabilitação - Miriam Beauchamp

9h30 às 10h

O desenvolvimento da leitura: Novos testes de dislexia e seus subtipos - Stanislas Dehaene

10h às 10h20

Perguntas e respostas



Confira a programação completa do congresso

como um possível marcador inicial da esclerose múltipla para facilitar o diagnóstico e permitir um tratamento mais eficaz”, explicou Carvalho. Para Curcio, participar de um congresso como o do Hospital Sarah Kubitschek, além da visibilidade acadêmica, contribui ao seu crescimento profissional. “Estar aqui amplia a nossa visão sobre o que é possível fazer dentro da medicina. Ver pesquisadores e especialistas de renome internacional nos inspira a buscar a excelência, mesmo ainda na graduação. Isso fortalece nosso desejo de contribuir com a ciência e a prática médica no futuro”, avaliou.

SOLIDARIEDADE

Ação em prol da saúde da mulher

» LETÍCIA MOUHAMAD

Foi lançado, ontem, pelo Governo do Distrito Federal (GDF), o projeto Absorva o Bem. O objetivo da ação é permitir que meninas, mulheres e pessoas transsexuais contem com a chamada dignidade menstrual — garantia de acesso a produtos de higiene, condições sanitárias e informações sobre saúde, durante o período da menstruação, com proteção e sem preconceitos. Com o lema “se precisar, pegue; se puder, doe”, a iniciativa incentiva a arrecadação e distribuição gratuita de absorventes íntimos

em banheiros públicos em locais com grande circulação de pessoas. A Secretaria de Estado de Atendimento à Comunidade tem o propósito de proporcionar acolhimento e segurança.

A vice-governadora do DF, Celina Leão (PP), ressaltou a importância da proposta. “Os dados falam que as nossas meninas em vulnerabilidade chegam a faltar às escolas públicas cerca de 60 dias por ano. Não estamos falando de doar absorvente. Estamos falando de colocar meninas nas escolas. Estamos falando sobre meninas terem condições de ter saúde, porque, dependendo do

Geovana Albuquerque / Agência Brasília



Celina (D) inaugura caixa distribuidora da campanha Absorva o Bem

que usam, podem desenvolver infecções”, declarou.

Segundo a Secretaria de Saúde, mais de 271 mil mulheres do DF — cerca de 17,3% da população feminina local — vivem em situação de vulnerabilidade menstrual.

enfrentar a situação, como o uso de papelão, jornal, miolo de pão e retalhos de pano.

Idealizadora do Absorva o Bem, a secretária de Atendimento à Comunidade, Clara Roriz, contou que a ideia partiu de algo que viveu. “Estava na Estrutural e uma senhora me alertou que não poderia demorar na conversa comigo. Ela disse ‘preciso voltar logo para casa, pois estou menstruada, o fluxo está forte e não tenho absorventes’. Com isso, pensei: por que não trabalhar a dignidade menstrual?”, lembrou.

De acordo com Clara, também será feito um trabalho educativo para mobilizar instituições, empresários e a comunidade em relação às doações. “Queremos incentivar a questão educativa. Não só de as pessoas utilizarem, mas também para doar”, complementou.

Mobilização

A campanha começa com mais de 30 mil absorventes e 40 caixas de acrílico, cada uma com capacidade para até 40 unidades, para serem instaladas nos banheiros. A primeira foi colocada no sanitário do Palácio do Buriti. As demais estarão, nos próximos dias, em órgãos públicos parceiros e terminais de ônibus e estações de metrô. A meta é chegar a 100 pontos de coleta por todo o DF.

O projeto conta com o apoio das secretarias de estado e das administrações regionais, além da Câmara Legislativa do DF (CLDF), do Tribunal de Justiça do DF (TJ-DFT), do Tribunal de Contas do DF (TCDF), da Defensoria Pública do DF (DPDF), do Ministério Público do DF (MPDFT) e da Procuradoria-Geral do DF (PGDF).